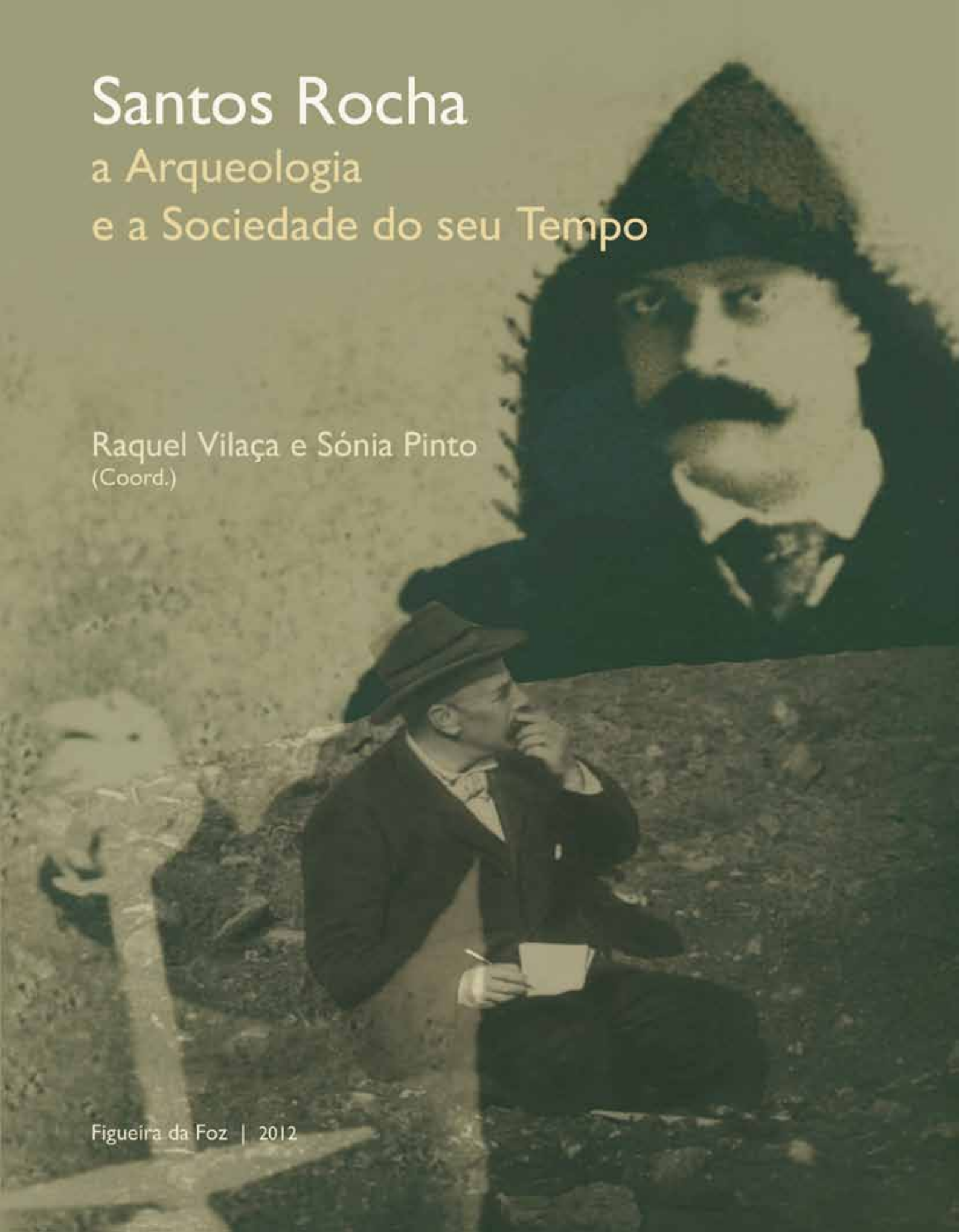


Santos Rocha

a Arqueologia
e a Sociedade do seu Tempo

Raquel Vilaça e Sónia Pinto
(Coord.)

Figueira da Foz | 2012



SANTOS ROCHA

A ARQUEOLOGIA
E A SOCIEDADE DO SEU TEMPO

SANTOS ROCHA
A ARQUEOLOGIA
E A SOCIEDADE DO SEU TEMPO

COORDENAÇÃO
RAQUEL VILAÇA E SÓNIA PINTO

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo

COORDENAÇÃO

Raquel Vilaça e Sónia Pinto

EDIÇÃO

Casino Figueira

DESIGN GRÁFICO

José Luís Madeira

CAPA

António dos Santos Rocha (Arquivo Fotográfico do Museu Municipal Santos Rocha)

FOTOCOMPOSIÇÃO: João Ricardo Cruz

PAGINAÇÃO E EDIÇÃO DE IMAGEM

José Luís Madeira

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Tipografia Lousanense, Lda. – Lousã

TIRAGEM

1000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL

352300/12

ISBN

978-989-97881-3-8



SANTOS ROCHA no Algarve (Arquivo Fotográfico do Museu Municipal Santos Rocha)

APRESENTAÇÃO

A obra que o leitor tem em mãos assume-se como homenagem a **António dos Santos Rocha**, falecido a 28 de Março de 1910, com 57 anos. Cem anos depois decorreu, na Figueira da Foz e ao longo de mais de um ano, um conjunto diverso de iniciativas que pretendeu evocar e comemorar o ilustre figueirense, o notável arqueólogo, o sagaz investigador.

Santos Rocha não só foi actor, como agente de mudança, inovando e criando. Pioneiro em diversas frentes, inicia-se em arqueologia na primeira metade da década de 70 do séc. XIX, na secção do então *Instituto*, em Coimbra. A viagem que realizou depois, em 1883, ao Sul de Espanha, marcou-o de forma indelével. Homem de campo e de gabinete, sabendo trabalhar em equipa, às prospecções e escavações a que imprimiu invulgar rigor metodológico, aliou o estudo do que encontrou, publicando. A curiosidade e a necessidade de fundamentar o seu pensamento e descobertas empreendidas na região natal, levaram-no mais além, pelo rio acima, até à Beira Alta, e para sul, pela Beira Litoral e Oeste adentro. E, particularmente, até ao Algarve, promovendo as peculiares “excursões científicas” consubstanciadas em quatro viagens (1894 a 1906). Homem empreendedor, criou o que não existia, mas fazia falta: um Museu (1894) e seu *Catálogo* (1905); uma sociedade científica, a Sociedade Archeologica da Figueira (1898), seus Estatutos e *Boletim* (1904). No conjunto, um programa completo que fez dele um arqueólogo e investigador de corpo inteiro.

A abertura oficial das comemorações concretizou-se com a inauguração de uma exposição no Museu Municipal Santos Rocha sobre a vida e obra do seu fundador. O seu encerramento culminou com o Colóquio *Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo*, realizado a 6 de Maio de 2011, data do 116.º aniversário da criação do museu.

A organização deste colóquio resultou de parceria entre o Museu Municipal Santos Rocha - Divisão de Cultura do Município da Figueira da Foz e o IARQ - Instituto de Arqueologia do Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, entidades cientes da importância do legado ímpar, nos domínios científico e patrimonial (incluindo a vertente conservação, raramente evocada), do investigador figueirense e da imprescindibilidade do seu (re)conhecimento nos dias de hoje.

A forma como decorreu, reunindo mais de 90 inscritos, com esmagadora presença de estudantes universitários, mas a que também acorreram múltiplos figueirenses interessados, foi para todos nós motivo de grande honra e satisfação. Estruturado em função de dois painéis temáticos, respectivamente “Historiografia e percursos de Santos Rocha” e “A arqueologia de Santos Rocha, do seu ao nosso tempo”, contou com inestimáveis contributos de investigadores que, em parte, tomam agora letra de forma. A eles juntam-se outros testemunhos que, então, não foi possível apresentar.

O primeiro texto, assinado por Ana Cristina Martins, reflete, com exaustividade, o percurso e tributo científicos de Santos Rocha contextualizando-os na época, numa altura da história portuguesa em que a arqueologia se afirmava decididamente como ciência. Sublinhando o papel cimeiro

do arqueólogo figueirense dentro de fronteiras, a autora demonstra também a sua proximidade à arqueologia de além-fronteiras.

Pedro Callapez e Miguel Carvalho analisam, de forma articulada, o povoamento pré-histórico da serra da Boa Viagem — palco privilegiado da *praxis* científica de Santos Rocha — com a envolvente geológica e geomorfológica, chamando a atenção para a importância da sua vertente sul, nomeadamente na bacia do rio de Carritos, mas também a do sopé setentrional, onde achados recentes exigem redobrada atenção.

João Luís Cardoso ajuda-nos a entender como Santos Rocha se interessou pela exploração das grutas da Estremadura, concretamente a da Lapa do Suão (Bombarral), cuja importância se confirmaria no séc. XX.

O contributo de Rui Boaventura revela que Santos Rocha não se limitou a realizar escavações, mas também as promoveu junto de jovens, seus admiradores, como as que ocorreram em monumentos megalíticos da região de Monforte (Alentejo).

E entre as que realizou, nomeadamente na Beira Alta, conta-se a escavação da Arcainha do Seixo (Oliveira do Hospital) que, como as demais, também publicou. Da minuciosa intervenção e reabilitação do monumento, já em inícios deste século, dão conta João Perpétuo e Luís Filipe Gomes, trazendo novos elementos para as ocupações desse espaço funerário.

Por seu lado, Isabel Pereira conduz-nos à, talvez, mais simbólica estação associada ao nome de Santos Rocha — Santa Olaia —, primeiro sítio de influência fenícia trazido à luz em território português. Conhecendo bem a estação, onde trabalhou, a autora debruça-se, em particular, sobre as arquiteturas e cronologias das diversas fases.

O testemunho de Ana Margarida Arruda e de Carlos Pereira faz-nos viajar com Santos Rocha até ao Algarve (região de Faro e Barlavento), acompanhando-o nas suas “explorações”, devidamente programadas, ou adaptadas em função de informações junto de populares, que se nos revelam com pormenor e de forma esclarecida. A atenção do notável arqueólogo centrou-se no concelho de Lagos e, em particular, em Bensafrim.

É precisamente para Bensafrim, para a necrópole de Fonte Velha, que remete o último texto, da autoria de Raquel Vilaça e de Barbara Armbruster. Nele é analisada, com minúcia, uma das mais notáveis e conhecidas peças aí encontradas, um disco de ouro, que se valoriza na sua dimensão técnica e simbólica.

A terminar, queremos expressar uma palavra muito sentida sobre a publicação deste livro. A sua existência é possível porque devedora do patrocínio exclusivo do Casino Figueira, a quem se agradece penhorada e reconhecidamente.

Raquel Vilaça

Sónia Pinto

NOTA PRÉVIA

Os colóquios de Arqueologia realizados sob a égide da figura de António dos Santos Rocha, pessoa maior da cultura figueirense por via dos seus trabalhos na área da Arqueologia e da história do concelho, vieram iluminar, de forma clara e consistente, a importância que tiveram e têm o seu legado e o espólio que nos legou. Quase se poderia dizer que o conhecimento da história do concelho tem dois períodos claramente distintos: antes e depois de Santos Rocha.

A capacidade que demonstrou de captar interessados para o seu mundo do conhecimento e de se ter rodeado e formado especialistas alguns dos que o acompanharam é, a todos os títulos, notável. António dos Santos Rocha foi, na tradução de Unanimo, o homem e as suas circunstâncias, mas estas soube ele criá-las e organizá-las, de forma a prosseguir com o rigor científico necessário que imprimia ao seu trabalho. Foi assim que fundou a Sociedade Arqueológica Figueirense, foi assim que tornou alguns dos seus amigos e companheiros, também eles, homens de ciência. Foi, portanto, não só impulsor e inovador, mas também mestre entusiasta.

Pensar, hoje, que o cientista que foi Santos Rocha se fez autodidacta, lendo, estudando, e permutando saberes e experiências com os seus iguais, demonstra a sua notabilidade. Saber-se que o fazia numa dedicação quase exclusiva, com sacrifícios pessoais onde se incluem os de carácter meramente material, torna a sua dedicação numa quase paixão, no sentido próprio do termo, ou seja, sofrer com o gosto de alcançar um objectivo quase transcendente.

Sobre os seus achados, base material dos seus projectos, Santos Rocha produziu pensamento, quer pelo recurso prudente à interpretação etnográfica, quer pela base experimental do *seu* método. E aqui reside a importância das comprovações científicas a que chegou, sem esquecer as suas constantes inquietações epistemológicas em relação à ciência que desenvolvia.

Os Colóquios tiveram a *bondade* de acrescentar, à luz do que já se sabia do homem e do seu trabalho, um marcante sentido, que não pode deixar de ser reverencial, às suas práticas e saber; e isto, para nós, figueirenses, é motivo de sentido orgulho.

O Vereador do Pelouro da Cultura
Câmara Municipal da Figueira da Foz

António Silva Tavares

Índice

Apresentação	9
Nota Prévia	11
<i>Ana Cristina Martins</i>	13
António Augusto dos Santos Rocha (1853-1910) e a arqueologia na viragem do novo século.	
<i>Pedro M. Callapez e Miguel Carvalho</i>	41
Contributos da envolvente geológica para o povoamento da Serra da Boa Viagem durante a Pré-história Recente.	
<i>João Luís Cardoso</i>	53
António dos Santos Rocha (30 de Abril de 1853; 28 de Março de 1910) e a exploração arqueológica das grutas da Columbeira (Bombarral).	
<i>Rui Boaventura</i>	63
O “Pae Rocha” e o Megalitismo de Monforte (Alentejo): luz sobre as antas pesquisadas através do Arquivo Leisner.	
<i>João Miguel Perpétuo e Luís Filipe Gomes</i>	81
A Arcainha do Seixo (Oliveira do Hospital, Coimbra) um século depois de Santos Rocha.	
<i>Isabel Pereira</i>	115
Santos Rocha e o estudo da Idade do Ferro em Portugal.	
<i>Ana Margarida Arruda e Carlos Pereira</i>	133
De Santa Olaia a Bensafrim: itinerários e percursos de Santos Rocha no Algarve.	
<i>Raquel Vilaça e Barbara Armbruster</i>	153
O disco de ouro da necrópole da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos, Algarve).	
Resumos	173

O presente documento, em formato de Livro, é um testemunho autónomo de várias realidades, todas elas relevantes.

A primeira é que a Figueira da Foz é uma terra cujas gentes, ao longo dos tempos e em todas as gerações, tem sempre cidadãos de elevada estatura, que se perpetuam na memória das gentes, libertando-se da Lei da Morte, e que são demonstração inequívoca e duradoura da alma dessas mesmas gentes.

A segunda é que a dimensão de cidadania desses vultos, mais de cem anos depois da sua morte, é geradora de fenómenos de reforço de coesão geográfica com gentes de outras terras, nomeadamente as vocacionadas para o estudo, saber e conhecimento e consequente partilha destas três essências essenciais.

A terceira é a densidade do labor desses vultos que se impõe de um tal jeito, que as autoridades naturais das terras de que tais vultos são gente têm, entre muitas outras obrigações naturais, a de manter vivo o exemplo desses vultos e certificar-lhes a qualidade de referências de identidade e personalidade.

A quarta é a de qualquer entidade, singular ou colectiva, da mesma terra, independentemente da idade própria, poder aceitar o convite para se envolver, com respeito absoluto pela independência e autonomia de todas as demais entidades, em convergência paritária rumo ao objectivo elevado e nobre de perenizar a vida da alma, do labor e da partilha dos seus melhores.

A quinta realidade, das várias antes enunciadas, é esta mesma edição.

Fruto natural de um facto histórico: a vida e obra de um figueirense: ANTÓNIO DOS SANTOS ROCHA.

Três entidades, cada qual a seu tempo, cada qual com as suas competências, convergiram, sem sobreposições, num acto único: celebrar ANTÓNIO DOS SANTOS ROCHA.

De forma a que tudo culminasse neste documento único, acta de momentos únicos, concebidos para o renascer evocativo e memorial de um Homem Único: ANTÓNIO DOS SANTOS ROCHA.

A alguns dos destinatários desta edição será possível reavivar a memória e acrescentar saberes dantes não sabidos.

A outros fica garantido o acesso ao saber de que houve, do que houve, e como foi nobre, subido e denso isso e esse que houve.

Três sentir-se-ão gratificados porque conceberam, contribuíram e garantiram essa mais vida, para além da vida. Cada qual a seu tempo.

Todos os demais se sentirão de peito cheio e alma plena, no presente orgulhosos do seu passado e estimulados para o seu futuro.

Assim se longevizam as comunidades.

Com contributos como esta edição.

O Casino Figueira honrou o seu historial, de uma forma particularmente distinguida, já que lhe foi possível assumir a sua vocação natural, e não uma sua específica obrigação social esperada.

Em conjunto com Entidades que só enobrecem quem com as mesmas adrega emparceirar, mesmo que ocasionalmente.

CASINO FIGUEIRA
Outubro de 2012

casino
figueira

**O “PAE ROCHA”
E O MEGALITISMO DE MONFORTE (ALENTEJO):
LUZ SOBRE AS ANTAS PESQUISADAS ATRAVÉS DO ARQUIVO LEISNER**

RUI BOAVENTURA (*)

1. Introdução

Em finais da primeira década do século 20 foram realizadas as primeiras pesquisas arqueológicas, que se conhecem, em cinco antas da região de Monforte (Alentejo). Estas acções foram promovidas por António Santos Rocha (Fig. 1) e concretizadas por Luiz Wittnich Carrisso (Fig. 2) e António Sardinha (Fig. 3). Acerca destas pesquisas apresentei noutra local (Boaventura, 2008) os dados que foi possível coligir, deduzindo parcialmente os motivos e os intervenientes directos e indirectos daquela empresa, onde os laços institucionais que ligavam estes indivíduos se misturavam com a admiração e relações de amizade que existiam entre os jovens licenciados e o seu “Pae Rocha”.

A criação da Sociedade Archeologica da Figueira da Foz, cuja paternidade se deve a Santos Rocha, procurava, de acordo com os seus estatutos, solucionar várias questões relacionadas com a “*prehistoria e [a] historia antiga do occidente da peninsula*” (SAFF, 1898: art. 1º), mas também enriquecer o acervo do Museu Municipal (SAFF, 1898: art. 1º). Para tais fins a Sociedade propunha-se realizar “*pesquisas e excavações (...) em todas as freguezias do concelho da Figueira*” (SAFF, 1898: art. 2º), ainda que posteriormente as respostas para tais desígnios, sobretudo acerca da 1ª Idade dos metais – Idade do cobre, obrigassem à sua busca noutras regiões (Pereira, 1994 e 1999: 33), nomeadamente no Algarve, nas Beiras, na Estremadura e, como se tornou evidente pelo caso presente, no Alentejo.

(*) Arqueólogo; PortAnta, Associação de Arqueologia Ibérica; UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Município de Odivelas. Email:boaventura.rui@gmail.com

Contudo, as “excursões” da Sociedade nem sempre foram bem vistas por alguns arqueólogos, nomeadamente por José Leite de Vasconcelos, director do então Museu Ethnologico Português¹ e defensor de uma política de recolha e depósito centralizado dos vestígios nacionais do passado, inclusive reivindicando certas áreas como feudos privados daquele Museu, caso da necrópole de Alcalar (Pereira, 1993-94: 94-95; Boaventura, 2008). Talvez por isso as pesquisas nas “necrópoles” megalíticas de Monforte tenham sido realizadas com alguma discrição, ainda que a morte de Santos Rocha possa ter sido, de facto, o principal motivo por nada se saber acerca destas até a publicação do casal Leisner (1959).

Mesmo com a notícia do casal alemão, a informação disponibilizada acerca das antas pesquisadas era reduzida, facto admitido por estes, considerando insuficiente a informação recolhida, ou mesmo pouco fiável (Leisner e Leisner, 1959: 44). Por outro lado, o estudo dos materiais adscritos a cada uma das antas, a publicar noutra local, veio ainda realçar que o casal Leisner apenas apresentou graficamente uma parte reduzida dos espólios, apesar de os ter listado. A falta de adscrição segura a denominada anta terá sido eventualmente o motivo para essa solução.

Os trabalhos desenvolvidos acerca do Megalitismo da região de Monforte (Boaventura, 2000, 2001, 2006 e 2011; Boaventura e Langley, 2006), o prosseguimento do estudo dos espólios monfortenses do Museu da Figueira (Boaventura, 2008), bem como o acesso a espólio epistolar do casal Leisner, de que se apresentam três cartas em apêndice (documentos 1-3), permitiram compreender melhor o processo de identificação deste conjunto de antas pelos arqueólogos alemães. Mas, também, possibilitou alguma clarificação e proposta de relação entre os respectivos conjuntos de espólio dos “Dólmens 1 a 5” e os sepulcros megalíticos hoje conhecidos.

2. As necrópoles de Monforte: Quando, onde e como?

Em folhas manuscritas, ainda com a caligrafia de Santos Rocha, organizadas por secções e vitrinas, existe um “*Aditamento n.º 3*” ao Catálogo do Museu Municipal (Rocha, 1910), onde este registou os espólios que chegaram àquela instituição. Entre eles, o referente à “*Prehistoria, Vitrina 15ª*”, com os números de inventário de 8884 a 8950, corresponde a cinco dólmens ou “*necrópoles de Monforte*” das “*explorações do Dr. Luiz Carrisso e António Sardinha*” (Rocha, 1910) mas sem qualquer referência a uma data concreta da acção, a especificação das antas ou apontamento acerca dos trabalhos desenvolvidos.

No livro de entradas por depósito do Museu, o último registo quedou-se pelo número de inventário 8883, referente à entrada n.º 450, realizada a 10 de Janeiro de 1909, reportando-se a esculturas em madeira da África Ocidental. Portanto, ficaram por dar entrada, além dos materiais de Monforte, outros de vários sítios da Figueira, nomeadamente Brenha, Cumieira, Praso e Loriga, ou do monumento do Barro em Torres Vedras (Rocha, 1910), todos eles com números de inventário posteriores aos alentejanos.

Tal como para a caracterização dos personagens implicados nas pesquisas arqueológicas de Monforte, também para o enquadramento cronológico da acção foi necessário compilar e cruzar as informações disponíveis, entretanto explanadas noutra local (Boaventura, 2008). Desse exercício deduziu-se que as pesquisas nas antas de Monforte terão sido desenvolvidas por Wittnich Carrisso e António Sardinha no último trimestre de 1909, provavelmente durante as férias de Natal e, posteriormente, os espólios recolhidos foram depositados no Museu Municipal da Figueira,

¹ Actualmente Museu Nacional de Arqueologia.

devidamente numerados e atribuídos aos dolmens nº 1 a 5, infelizmente sem a referida menção a topónimos específicos.

Durante a primeira visita de investigação itinerante do casal Leisner por museus e outros espaços de Portugal com colecções pré-históricas, provenientes de sepulcros megalíticos, estes tiveram a oportunidade de anotar em 1933, no Museu da Figueira da Foz, a existência de materiais arqueológicos de antas de Monforte, mas sem o conhecimento das suas designações ou localizações. Só em 1953, provavelmente na sequência da sistematização e ultimação do segundo volume dos “*Megalithgräber*” (Leisner e Leisner, 1959), G. Leisner contactou o director do Museu Municipal Dr. Santos Rocha, então António Vitor Guerra, indagando acerca da identificação dos sepulcros cujos espólios tinha registado (Leisner, 1953).

Vitor Guerra (1953) deu então a conhecer ao arqueólogo alemão os topónimos mencionados em três tiras de papel associadas ao referido aditamento, hoje com paradeiro desconhecido: “*2º Dólmen do Vale-de-Romeiras*”; “*3º Dólmen de Entre-as-Ribeiras*”; “*5º Dólmen de Alfumar*”. Mas nada referiu acerca dos dólmen numerados 1 e 4.

Terá sido com base nesta informação que o casal Leisner produziu a informação publicada (Leisner e Leisner, 1959). De facto, G. Leisner (1954) na resposta para V. Guerra procurou estabelecer a correspondência com os dados já compilados para os sepulcros, que entretanto tinha identificado na área de Monforte, e que hoje é possível rectificar e adicionar alguns novos dados (Fig. 4):

“*Dolmen nº 2*” - Primeiramente, G. Leisner (1954) revelou desconhecer a existência da anta de Vale de Romeiras, mas cujo Monte homónimo sabia situar-se a 3 km a sul de Monforte. Posteriormente, terá localizado o dito sepulcro, publicando um machado atribuído ao “*Dolmen 2*” (Leisner e Leisner, 1959: Tafel 8: 2).

Porém, no âmbito dos trabalhos de prospecção realizados nas últimas décadas, além da realocação da anta apontada pelo casal Leisner, hoje designada Vale de Romeiras 1 (Código Nacional de Sítio² (CNS)- 7558; Fig. 5), foi possível verificar a presença de outra anta em Vale de Romeiras (Vale de Romeiras 4, CNS- 17229; Fig. 6), a cerca de 250 metros para nordeste da primeira, confirmando um apontamento vago de António Cunha (1985a e 1985b) para a existência plural de antas naquela área³. Assim, estes dois sepulcros, da mesma zona toponímica, colocam a possibilidade dos referidos Dólmen nº 1 e Dólmen nº 2, pesquisados em 1909, poderem corresponder de facto àquelas duas antas.

Aliás, o espólio “*mais completo*” do “*Dólmen nº 1*” (Leisner, 1954), além dos materiais típicos destes contextos funerários, apresenta artefactos (Leisner e Leisner, 1959: Tafel 8: 3) recolhidos com maior frequência em contexto doméstico. Desconhecendo-se se todos aqueles artefactos foram recolhidos dentro do sepulcro, importa realçar que na vertente este-sudeste, a escassos 30-40 metros da anta de Vale de Romeiras 1, foram recolhidos materiais compatíveis com aqueles, podendo presumir-se uma ocupação de cariz habitacional.

Além do material pré-histórico, regista-se ainda no “*Dólmen nº 1*” a presença de recipientes cerâmicos atribuíveis ao Bronze final, o que parece coincidir com a recolha recente, junto à anta, de cerâmica com características proto-históricas (Boaventura e Mataloto, 2011), bem como de época romana – estes últimos materiais, “*fragmentos de telha e louça romana*” foram interpretados como “*introduzidos nas profanações*” (Rocha, 1910). Além dos artefactos refira-se ainda a recolha de material osteológico humano incinerado, ainda em processo de estudo, mas frequentes em contextos

² CNS obtido na base de dados do Património Arqueológico - Endovélico.

³ “47 - Vale de Romeiras. antas mais ou menos danificadas” (Cunha, 1985a).

funerários dos períodos proto-histórico e romano.

Perante o exposto é plausível admitir que o “Dólmen nº 2” corresponda à anta Vale de Romeiras 4, hoje esmagada sob o peso de um morouço, onde apenas afloram alguns esteios (Fig. 6).

“*Dolmen nº 3*” - A correspondência proposta por G. Leisner (1954) do “Dólmen nº 3”, de Entreas-Ribeiras, com a anta da Serrinha (CNS- 11881; Fig. 7) suscita poucas dúvidas. De facto, M. Heleno (1947 e 1962: 314; cit in Machado, 1965: 93) identificava esta mesma anta com o topónimo local antigo de Juntas da Ribeira (ainda hoje com CNS- 4813), situada num terraço da margem esquerda, junto às confluências da Ribeira da Leca com a Ribeira do Almuro, e desta com a Ribeira Grande⁴. Neste caso também o espólio depositado no Museu da Figueira é compatível com aquele recolhido junto da anta.

“*Dólmen nº 5*” - A proposta de G. Leisner (1954), posteriormente publicada (Leisner e Leisner, 1959: 47; Tafel 8: 4) do de Alfumar, corresponder à anta de Rabuje foi um equívoco. Este autor confundiu a denominação “Alfumar” com aquela da ribeira de “Assumar” (Leisner, 1954), pois este curso de água atravessava o vale onde se situava o Monte de Rabuje, no qual J.L. Vasconcelos (1927-29) tinha indicado a existência de uma anta.

Hoje conhecem-se sete antas do *cluster* de Rabuje (Boaventura, 2000, 2001 e 2006), mas à data da tentativa de identificação do arqueólogo alemão com base no apontamento de J.L. Vasconcelos, este deveria referir-se à actual Rabuje 1 (CNS- 11876; Fig. 8), que ainda na década de 1940 mantinha a sua laje de cobertura ou chapéu in situ (informação pessoal de Francisco Crescêncio, proprietário do Monte de Arrabujo, em 1998, e que naquela década rondava os 10 anos de idade).

Apesar do equívoco mencionado, o casal Leisner (1959: 46) identificou duas antas em redor da Quinta de Santo António, então designadas por aquele topónimo e numeradas 1 e 2. Hoje, mantêm-se designadas por Santo António 1 e 2 (respectivamente com os CNS- 11879 e 11880; Fig. 9 e 10). Porém, a anta de Santo António 2 situa-se a cerca de 150 metros para sul-sudeste do Monte do Alfumar. Por isso é plausível que aquele sepulcro corresponda de facto ao “Dólmen nº 5” pesquisado por Wittnich Carrisso e António Sardinha.

Infelizmente, à semelhança do “Dólmen nº 1” a informação para o “Dólmen nº 4” é omissa, dificultando o estabelecimento de uma correspondência com algum dos sepulcros conhecidos. Há, no entanto, à semelhança do que foi para o “Dólmen nº 1”, alguns aspectos que poderão ser ponderados, numa tentativa de correlação.

As antas pesquisadas pelos colaboradores de Santos Rocha foram sempre de dimensões consideráveis, provavelmente por se destacarem no terreno e daí mais facilmente reconhecidas. Por outro lado, localizavam-se nos arredores da vila de Monforte (Fig. 4), local de residência de António Sardinha, o que terá facilitado a logística implicada naquelas acções, se não um dos principais motivos da empresa.

Quando se observa a dispersão das antas conhecidas, nota-se de imediato duas antas próximas à povoação, Fonte do Chão e Tapada das Noras, já desaparecidas. Aliás, o facto do parco espólio conhecido destas antas se encontrar no Museu de Elvas, leva a crer que este terá ali chegado por intermédio de Tomás João Pires, de Barbacena, que no virar do século 19 para o 20 minerava as antas e vendia os seus espólios para museus e privados, nomeadamente para o Museu de Elvas e outros em Espanha (Leisner e Leisner, 1959: 44). Por coincidência, ou não, parte das antas mineradas por este comerciante de antiguidades foram aquelas que mais cedo se desmantelaram e desapareceram. É de reter ainda que a área da Tapada das Noras ficava no enfiamento do Vale de Romeiras, a pouco mais

⁴ As denominações Serrinha (CNS- 11881), Juntas da Ribeira (CNS- 4813) e Herdade da Serra (CNS- 7559; Silva, 1989) correspondem à mesma anta, sendo utilizada correntemente a primeira daquelas.

de 1-1,5 km para nordeste das duas antas ali implantadas. Presumindo-se que, à data das pesquisas de Wittnich Carrisso e António Sardinha, os sepulcros referidos já se encontravam muito afectados, ou mesmo desaparecidos, torna-se compreensível a escolha das outras antas em redor da vila de Monforte, nomeadamente os dólmenes de Vale de Romeiras 1 e 4, Serrinha e Santo António 2 e, quiçá, Santo António 1.

Tendo em conta os considerandos mencionados, creio que a anta de Santo António 1 (CNS-11879)⁵ poderá corresponder ao “Dólmen nº 4”. Era uma anta de dimensão considerável, situada no topo do cabeço de calcários cristalinos, junto à estrada entre Monforte e Vaiamonte de onde seria facilmente avistada. Dista cerca de 1,6 km para oes-noroeste de Santo António 2. Quando o casal Leisner visitou esta anta em 5/4/1946, encontrava-se já bastante destruída, esventrada por trabalhadores locais, subsistindo apenas alguns esteios, um deles com cerca de 3,20 m de altura (Leisner e Leisner, 1959: 46). Dada a sua implantação e exposição é pois provável que este sepulcro tenha sido remexido ao longo dos séculos, justificando o parco espólio do “Dólmen nº 4”, caso lhe corresponda. Por outro lado, a recolha de ossos humanos é consistente com o grau de preservação do substrato geológico da anta de Santo António 1, a única da região implantada em calcários.

Creio que os dados e propostas apresentados ajudam ao esclarecimento possível das identidades sepulcrais depositadas no Museu da Figueira, contribuindo para a sua valorização e um melhor entendimento do Megalitismo da região de Monforte, sobretudo pela futura apresentação dos seus respectivos espólios.

3. Em jeito de conclusão: porquê?

Recordando os objectivos de António Santos Rocha, da sua Sociedade e do Museu Municipal, de imediato o motivo para a incursão no Alentejo seria o conhecimento daquela região e o enriquecimento do acervo museológico. Para tal, nada mais conveniente do que os trabalhos serem realizados por membros da Sociedade, como Luiz Wittnich Carrisso e António Sardinha, e na qual, posteriormente, poderiam depositar os respectivos espólios para ingresso no Museu da Figueira, escusando-se assim a possibilidade de entrega ao Museu Ethnológico Português, de Lisboa.

Contudo, à época, como Santos Rocha escrevia “*a região do Algarve [era] sem dúvida a mais rica do paiz em monumentos prehistoricos. Dizem-n’o os trabalhos consideráveis de Estacio da Veiga; e confirmam-n’o as modestas investigações que por mais d’uma vez alli temos feito*” (Rocha, 1911: 27). Assim, o arqueólogo procurava naquela região testemunhos “*sobre a transição da pedra para o cobre ou epocha cuprolithica*” (Rocha, 1911: 29), ainda que tivesse conhecimento de outros exemplos na Estremadura e no Alentejo. Especificamente no concelho de Avis (Rocha, 1911: 29), pois provavelmente referia-se às notícias acerca das antas da Ordem, Capela e Assobiador, realizadas por M. Silva (1895a, 1895b e 1896), em estreito contacto com J.L. Vasconcelos. Portanto, a região alentejana não surgia como prioritária na resposta às questões de ASR, mas as circunstâncias acabaram por proporcionar as condições para tais pesquisas.

A relação de amizade e proximidade de António Sardinha com pessoas do círculo sócio-cultural de Santos Rocha, bem com o seu interesse pela História local, terão sido factores importantes na prossecução da exploração monfortense (Boaventura, 2008). Por outro lado, também se enquadraria nos estudos que ASR desenvolvia então – a Idade do Cobre. Se existiam exemplos de dólmenes de momentos da transição da Idade da pedra para o cobre em Avis, penso que o raciocínio de Santos

⁵ É a mesma anta designada por Manuel Heleno (1947 e 1962: 314) como Alto do Pironga (CNS- 4812).

Rocha admitiria a sua provável existência também na área próxima de Monforte.

A escavação do dólmen do Casal do Matto, por Wittnich Carrisso em colaboração com Santos Rocha (1909), terá sido um bom momento para o primeiro se familiarizar com os detalhes da exploração daquele tipo de vestígio, conhecimentos que se revelariam úteis nas pesquisas de Monforte.

Por outro lado, um pequeno estudo acerca de dois ídolos-placa do dólmen da Lameira, no Crato (Rocha, 1908), terá com certeza chamado a atenção de Santos Rocha para a presença crescente daquele tipo de artefacto na região alentejana, quando comparada com a apresentada por E. da Veiga (1887: VIII), aproveitando este autor apenas para adicionar alguma informação acerca da cartografia das placas, características do *“neolítico de Portugal”*, registando a existência de fragmentos na Figueira e a sua ausência noutras áreas beirãs, justificando esse vazio porque os *“povos neolíticos d’estas regiões não tinham semelhante uso”* (1908: 175).

Pelo exposto acima parece evidente que a “excursão científica” a antas de Monforte ocorreu pela conjugação das diversas circunstâncias mencionadas, ainda que se possa presumir a preocupação do “Pae Rocha” pelo devido enquadramento científico daquela acção.

Agradecimentos: Ao Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz), nomeadamente a Sónia Pinto, Ana Paula Cardoso, A. Margarida Ferreira e Isabel Pereira; a Raquel Vilaça; a Paulo Ferreira e Fernando Real pelo acesso ao Arquivo Leisner.

Bibliografia

- BOAVENTURA, R. (2000) – A geologia das antas de Rabuje, Monforte, Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA, 3 (2), p. 15-23.
- BOAVENTURA, R. (2001) – *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa: IPA, 229 p. Col. Trabalhos de Arqueologia (20).
- BOAVENTURA, R. (2006) – Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA, 9 (2), p. 61-73.
- BOAVENTURA, R. (2008) – António Sardinha, arqueólogo? O recrutamento do poeta de Monforte pelo “Pae Rocha”. *A Cidade*. Portalegre, 15, p. 111-140.
- BOAVENTURA, R.; LANGLEY, M. (2006) – Apontamentos arqueológicos para a história da região de Monforte: Uma visão cartográfica. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA, 9 (2), p. 75-81.
- BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R. (2011) – O I milénio a.n.e. no concelho de Monforte: subsídio para o inventário do património arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA, 14, p. 107-140.
- CARRISSO, L.W ; ROCHA, A.S. (1909b) – O Dolmen do Casal do Matto. *Boletim da Sociedade Archaeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz: SASR, 1 (9), p. 281-284. [Com. apr. à SASR, 14ª Se, 7/3/1909].
- CUNHA, A.M. (1985a) – *Carta arqueológica do concelho de Monforte*. Gabinete de História da Câmara Municipal de Monforte. [Existe legenda dactilografada dos sítios indicados no mapa: Nota aos lugares assinalados pelos diversos símbolos].
- CUNHA, A.M. (1985b) – *Monografia geral sobre o concelho de Monforte*. Monforte: Câmara Municipal.
- GUERRA, A.V. (1953) – [Carta] 1953 Dezembro 19 [a] Georg Leisner [dactilografada em papel timbrado do Museu Municipal Dr. Santos Rocha]. Arquivo Leisner. Acessível no Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa, Portugal.
- HELENO, M. (1947) – *Caderno 1: Apontamentos - Torre de Palma* [Manuscrito]. Arquivo Manuel Heleno. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia.
- HELENO, M. (1962) – A “villa” lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova Série, 4, p. 313-338. Leisner, G. (1953) – [Carta] 1953 Dezembro 12 [a Vitor Guerra] [Duplicado dactilografado]. Arquivo Leisner. Acessível no Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa, Portugal.
- LEISNER, G. (1954) – [Carta] 1954 Março 15 [a] Vitor Guerra [Duplicado dactilografado]. Arquivo Leisner. Acessível no Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa, Portugal.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter, Vol. 2.
- PEREIRA, I. (1994) – As “excursões” científicas ao Algarve: viagens. In Câmara Municipal da Figueira da Foz – *Museu Municipal Dr. Santos Rocha: Centenário (1894-1994)*. Figueira da Foz: CM, p. 165-169.
- PEREIRA, I. (1993-94) – Leite de Vasconcelos e Santos Rocha: Reflexos da polémica Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: MNA, 4ª Série, 11-12, p. 73-88.
- PEREIRA, I. (1999) – Museus e colecções de arqueologia: conceitos e programas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 4ª Série, 17, p. 29-40.
- ROCHA, A.S. (1908b) – Placas de suspensão neolíticas. *Boletim da Sociedade Archaeologica Santos Rocha*. Figueira: SASR, 1 (6), p. 174-175.
- [ROCHA, A.S., (1910)] – O Museu Municipal da Figueira da Foz: Catalogo geral: Aditamento nº 3. Manuscrito, Arquivo Museu Municipal Dr. Santos Rocha.
- ROCHA, A.S. (1911) – *Materiaes para o estudo da Idade do Cobre em Portugal*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana de A. Veiga, 79 p. + il. *Archaeologia Prehistorica*. [Com datação de “António Sardinha Monforte, Fev. 1912”, EAS - cota SARD4430].
- SAFF - Sociedade Archeologica da Figueira da Foz (1898) – *Estatutos da Sociedade Archaeologica da Figueira da Foz*. Fac-símile In Ferreira, A. M; Cardoso, A. P. (1999) – *Sociedade Arqueológica da Figueira: 1898-1910: Centenário*. Figueira da Foz: Museu Municipal Dr. Santos Rocha.
- SILVA, J.I. (1989) – *Estudo da ocupação humana nas freguesias de Monforte e Vaia Monte: projecto de estudo*. Vol. 2. Trabalho de Seminário de Arqueologia: Universidade Lusíada. Lisboa. Policopiado. IPA - Proc. nº 92/1(163).

SILVA, M.M. (1895a) – Notícia das antiguidades prehistoricas do concelho de Avis: “Anta Grande” da Ordem. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 1ª Série, 1 (5), p. 120-125.

SILVA, M.M. (1895b) – Notícia das antiguidades prehistoricas do concelho de Avis: Anta da herdade da Capella. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 1ª Série, 1 (8), p. 214-216.

SILVA, M.M. (1896) – Notícia das antiguidades prehistoricas do concelho de Avis: 3. Anta da herdade do Assobiador. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 1ª Série, 2 (10-11), p. 239-240.

VASCONCELOS, J.L. (1927-29) – Antiguidades do Alentejo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 1ª Série, 28, p. 158-200.

VEIGA, S.P.M.E. (1887) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve: Tempos Prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional, Vol. 2.

VENTURA, A.; LADEIRA, R. (1988) – Para uma fotobiografia de António Sardinha. *A Cidade, Revista Cultural de Portalegre*, 2-Especial, António Sardinha, Nova Série.

Apêndice:

Documento 1

Leisner, G. (1953) – [Carta] 1953 Dezembro 12 [a Vitor Guerra] [Duplicado dactilografado]. Arquivo Leisner. Acessível no Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa, Portugal.

«Dr.G.Leisner
Lisboa, 12.12.1953
Travessa de Dom Vasco 4/I E

Exmo. Sr.
Conservador do Museu Municipal de Figueira da Foz

Excelentíssimo Senhor,
Queira Va Exca. permitir que venho com umas perguntas.

O Museu de Figueira guada alguns objectos provenientes de // explorações efectuadas por Dr. Luiz Wittnich Carriso e Sr. An-//tonio Sardinha em dólmenes do concelho de Monforte, os quais // já foram estudados por nos no ano 1933. Muito agradeceria uma // informação, se existem, no museu, quisquer indicações sobre // os nomes e a localização das dichas antas. No catalogo são os números 8884 e seguintes e citam-se 5 dólmenes.

No mês passado realizamos, em campanha do Sr. Engenheiro // da Veiga Ferreira, dos Serviços Geológicos, uma viagem de es-//tudo à região de Montargil. Dizeram-nos ali, que varios dól-//menes naquela regio – por exemplo na herdade de Portugal - // foram excavados pelo Sr. Calinas Salado, irmao de nossos // saudoso amigo Dr. Calinas Salado, conservador do museu no ano // 1933. Há, destas excavações, quaisquer objectos no Museu de // Figueira? Em caso afirmativo, teria Va exca. a amabilidade // de me dar, sobre lees, algumas indicações? (Proveniencia, nu//mero e genero dos objectos).

Esperamos passar, na primavera, outra vez, por Figueira // para realizar novos estudos nas suas valiosas colleções.

Agradecendo desde já a sua amabilidade // subscrevo-me com a maior consideração // atenciosamente

[sem assinatura] »

Documento 2

Guerra, A. V. (1953) – [Carta] 1953 Dezembro 19 [a] Georg Leisner [dactilografada em papel timbrado do Museu Municipal Dr. Santos Rocha]. Arquivo Leisner. Acessível no Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa, Portugal.

«Figueira da Foz, 19 de Dezembro de 1953
Exmº. Snr. Dr. Georg Leisner
M.D. Arqueólogo
Lisboa

Excelentíssimo Senhor:

Gostosamente respondo à carta de V. Ex^a de 12 do corrente, // só penalizado por me não ser possível corresponder plenamente ao // seu apelo.

Na verdade, os objectos que cita provieram de 5 dólmenes do // concelho de Monforte, resultantes de explorações efectuadas pelos // Drs. Luís Carrisso e António Sardinha. É só o que consta do catá-// logo – 3º Aditamento – manuscrito, ainda pelo fundador do Museu.

Juntamente com ele, encontram-se 3 tiras de papel, bastante amarelecido pelo tempo, lendo-se, em cada uma o seguinte: 2º Dól-//men do Vale-de-Romeiras; 3º Dólmen de Entre-as-Ribeiras; 5º Dól-//men de Alfumar.

Oxalá estas indicações, embora em tudo incompletas, consigam // fazer alguma luz, na identificação que pretende.

A propósito, permito-me a liberdade de rogar-lhe o obséquio // do informe onde publicou o estudo destes achados, que fiquei com // muito interesse em conhecer.

Ácerca das explorações na “Herdade de Portugal”, de que // me fala, nada entrou neste Museu, nem no meu tempo, nem do meu sal-//doso antecessor. É possível que tudo se encontre, ainda, na posse // de seu irmão e meu particular Amigo, Snr. Dr. Rafael Salinas Calado, // residente em Lisboa, na Avenida Miguel Bombarda, 141-1º-Telef.44367.

Para tudo mais, dsiponha V. Ex^a. Do que lhe deseja um feliz // Natal e um próspero Ano Novo, e que envia respeitosos cumprimen-//tos, extensivos ao Snr. Engº. Veiga Ferreira, de quem guarda as mais // gratas recordações de afectuosa amizade.

Muito atenciosamente,
De V. Ex^a.
O Director do Museu
[assinado]
(António Vítor Guerra) »

Documento 3

Leisner, G. (1954) – [*Carta*] 1954 Março 15 [a] Vitor Guerra [Duplicado dactilografado]. Arquivo Leisner. Acessível no Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa, Portugal.

«Dr.G.Leisner
Lisboa, 15.3.1954
Travessa de Dom Vasco 4/I E

Exmo. Sr. António Vitor Guerra
Director do Museu Municipal Dr. Santos Rocha // Figueira da Foz.

Excelentissimo Senhor,

queira Va Exca. desculpar que, por causa de um trabalho // urgente, só hoje respondo à sua estimada carta de 19. de De//zembro. Agradeço as valiosas informações que me remeteu. // Com respeito aos dólmenes de Monforte podia tratar-se, no // Nr. 2, da Anta da Serrinha, situada na junta da ribeira de // Almuro com a ribeira grande: é um monumento grande e relati-//vamente bem conservado. O Vale de Romeiros fica a três qui-//lómetros de Monforte, ao sul, perto da estrada de Veiros. // Ainda não tinha notícia de anta ali. No Nr. 3 devia-se ler // provavelmente “Assumar”, onde há notícia de uma anta perto // do Monte dos Sardos, ao norte da vila de Monforte (O Archaeó-//logo português XXVIII, p.199, notícia de Dr. Leite de Vascon-//celos: Anta de rabuje, monte que fica pertíssimo). E pena que // não há indicações acerca da anta Nr. 1 que continha um espólio // mais completo.

Muito agradeço também a indicação sobre os presumtivos acha-//dos em dólmenes da herdade de Portugal. Tenciono dirigir-me // ao Sr. Dr. Rafael Salinas Calado. Como Va Exca. disse, que é // amigo intimo daquele senhor, permito-me pedir que me dê um // bilhete de apresentação, avisando o Sr. Salinas Calado da // minha visita.

A viuva do Sr. Calinas Salado, antigo director do Museu // Santos Rocha, ainda mora em Figueira da Foz? Neste caso, // pedimos de remeter a ela os nossos respeitosos cumprimen-//tos. Talvez se lembra ainda dos dias passados com ela e // suas encantadoras filhas.

Agradecendo desde já as suas amáveis diligências // em favor dos nossos estudos // fica com a maior estima // muito attenciosamente

[sem assinatura] »



Fig. 1 - António Santos Rocha, provavelmente entre 1900-1905, segundo Isabel Pereira.



Fig. 2 - Luiz Wittnich Carrisso, em 1908, no final da sua licenciatura.

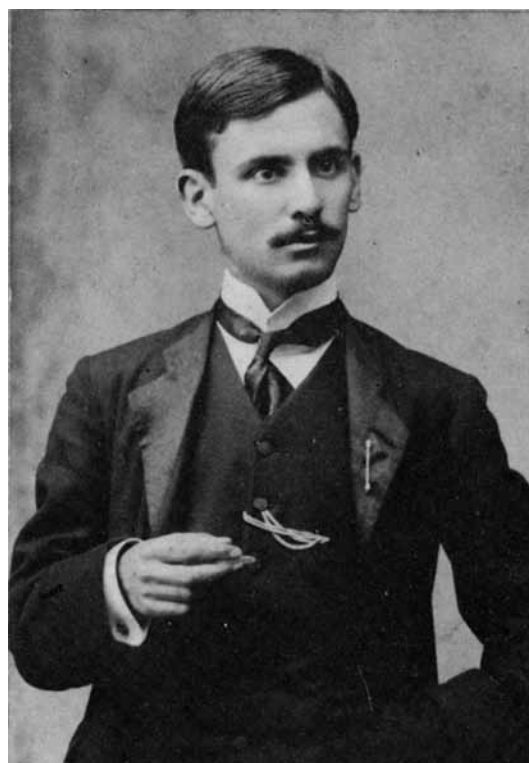


Fig. 3 - António Sardinha em 1909 (foto publicada em Ventura e Ladeira, 1988: foto 12).

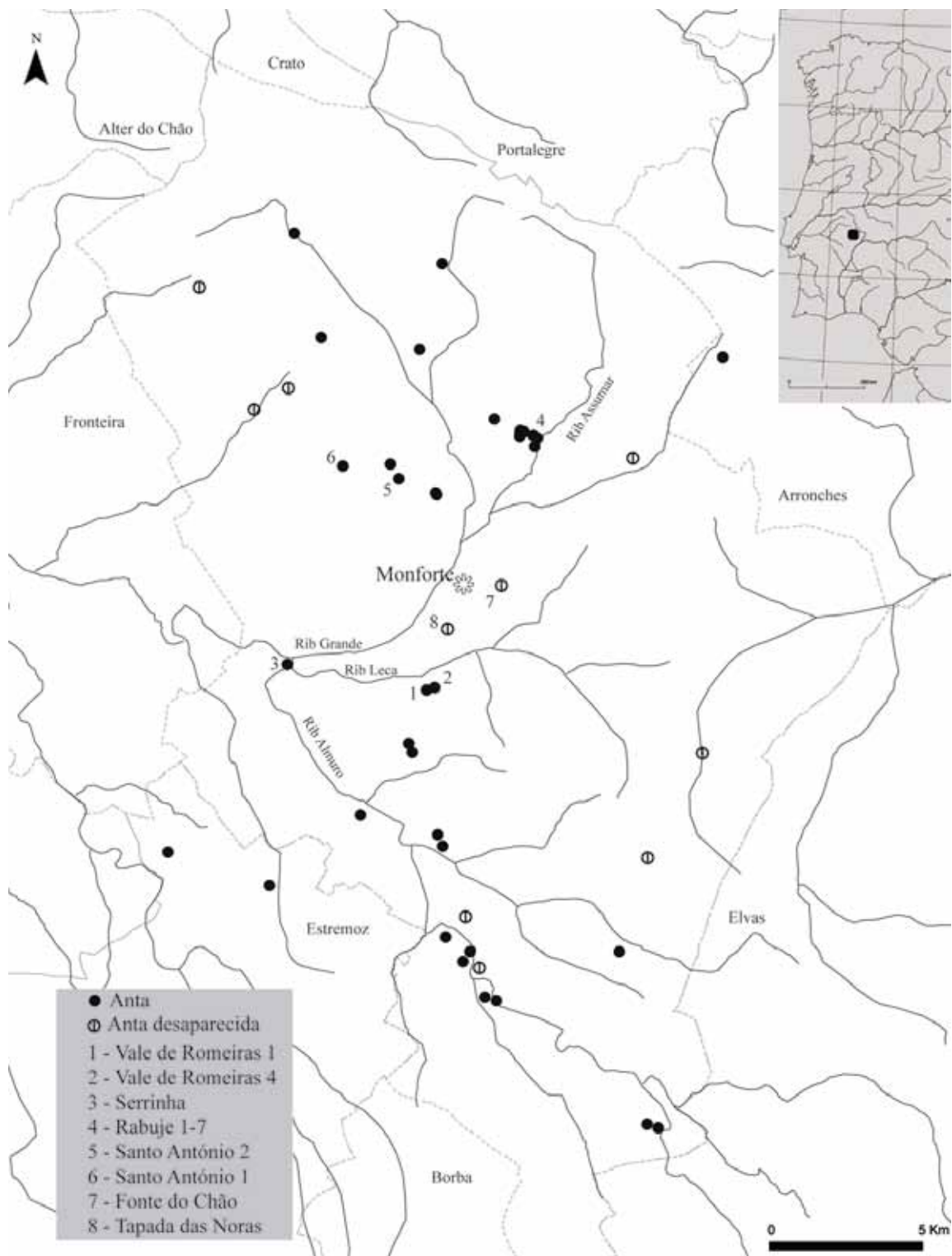


Fig. 4 - Antas conhecidas da região de Monforte com numeração daquelas mencionadas no texto.



Fig. 5 - Anta de Vale de Romeiras 1 em 2009, com a vila de Monforte no horizonte setentrional (Foto de R. Boaventura).

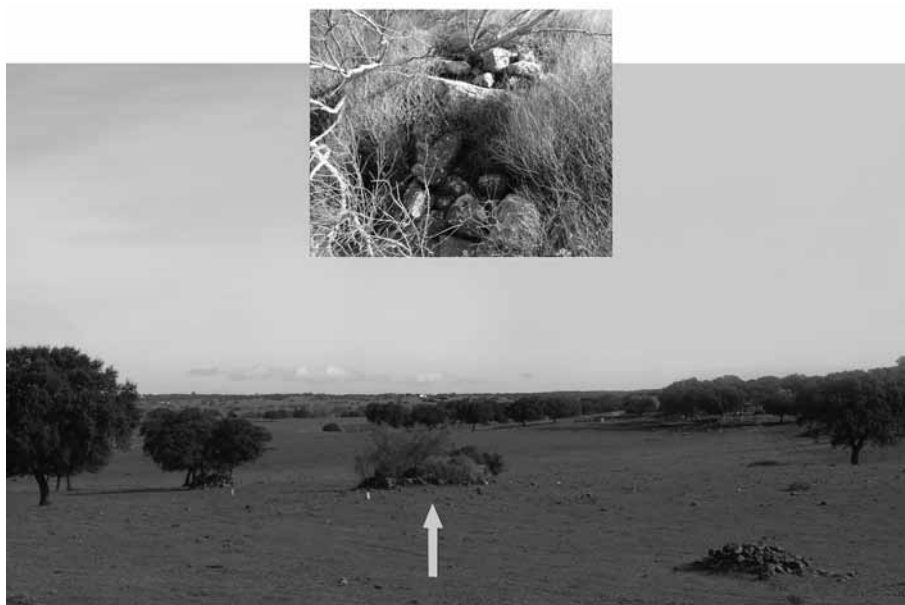


Fig. 6 - Anta de Vale de Romeiras 4 em 2009, sob o mourouço, com a vila de Monforte no horizonte. Pormenor de um dos esteios aflorando entre as pedras do morouço (Foto de R. Boaventura).



Fig. 7 - Anta de Serrinha em 1946 (Foto CF3014 - IAA1009, Arquivo Leisner, IGESPAR).



Fig. 8 - Anta de Rabuje 1 em 1998 (Foto de R. Boaventura).



Fig. 9 - Anta de Santo António 2 em 1997 (Foto de R. Boaventura).



Fig. 10 - Anta de Santo António 1 em 1997 (Foto de R. Boaventura).